FERNANDA FRAZÃO
Nossa Senhora Moura

Aparentemente, o nosso País é uma terra sem mitos. Durante muito tempo, viveu-se de mitos gregos e romanos. Depois, pouco a pouco, veio surgindo conhecimento de mitos sumérios, egípcios, germânicos, nórdicos, célticos, etc., etc. Enfim, só ficava de fora a Península Ibérica. Mas, como?, porquê?, se afinal se sabe que não é possível o ser humano viver sem mitos?! A verdade é que – segundo alguns investigadores – os nossos mitos foram absorvidos, desenvolvidos, por outros povos europeus, passando a ser considerados seus e não mais peninsulares. Mas, por aqui, ficaram memórias bem concretas sob a forma de pistas. É disso que aqui trataremos.

Há já mais de vinte anos que empreendi com determinação e objectividade uma tarefa que desde a infância me apaixonava: o estudo das nossas lendas comparando-as com as mitologias mediterrâneas antigas, com os dados arqueológicos, com a história e, por fim, com a linguística. Não havia apoio bibliográfico científico português, a não ser algumas teorias esquecidas do século XIX, de Martins Sarmento, Leite de Vasconcelos e pouco mais.

Foi um longo caminho até conseguir chegar às obras que hoje a Apenas Livros tem disponíveis e que abarcam conhecimentos desde a pré-história até aos nossos dias. Nunca será percorrido até ao fim, mas só ambiciono, juntamente com Gabriela Morais – que me acompanha nestas investigações – deixar bases sólidas para as gerações vindouras de investigadores.

A Senhora, que a associação Jardim das Hespérides procura estudar, pela primeira vez entre nós, é reconhecidamente a presença sagrada mais antiga da nossa terra. Tão antiga na designação que, aquando do Cristianismo e sua posterior Marianização, a Virgem Maria nunca assim foi designada pelo nosso povo. Aqui só há, só houve, a Senhora, geralmente a Senhora-Mãe.

E quem é esta Senhora? Começa por ser a divinização da Terra-Mãe, com o tempo passa a Deusa-Mãe e, durante a cristianização é, de algum modo, secundarizada enquanto Nossa Senhora, mãe de Deus. No entanto, o Cristianismo mantém a tripartição da antiga Deusa: a velha (Sant' Ana), a mulher (Maria) e a donzela (Jesus), jogando aqui com a ambiguidade patriarcal de transformar a donzela em Menino-Deus e a mãe desse Menino numa virgem. Se aceitarmos considerar Sant'Ana, mãe de Maria, como a grande antepassada mítica, então, antes da romanização da nossa língua, chamar-se-ia, apenas, Moura. Afinal, destas três entidades, apenas Sant'Ana foi fértil, podendo dizer-se que a Virgem Maria e Jesus foram, aparentemente, estéreis.

É de assinalar que qualquer local do País que seja nomeado Santana, é sem dúvida um lugar sagrado onde, frequentemente, existem subjacentes santuários a outras divindades mais antigas.



Imagem de Sant'Ana, Maria e Jesus.
Igreja de Santa Maria do Olival, Tomar.

A finalidade desta comunicação é a de desconstruir para chegar ao âmago. É minha opinião que as vestiduras da Moura – isto é, as histórias que se desenvolvem à sua volta – mais não são do que modos de memorização fácil e duradoura. Com o passar do tempo, esquecida a sua função, foram-se objectivando, foi ficando esquecida e perdida a divindade que lhe subjaz. Assim, há que chegar ao seu osso, criando uma nova ordem através do caos.

Chamo a atenção para o facto de as opiniões expressas serem apenas pistas. Não tenho qualquer certeza a não ser a de conhecer os locais e poder comparar o que os dicionários dizem com as paisagens, a história e alguns (poucos) dados linguísticos fidedignos. Este modo de abordar o tema é aqui desenvolvido pela primeira vez. A intenção é a de tentar olhar para o mais óbvio e, a partir do nome das heroínas das histórias, tentar rasgar trevas.

Dado este congresso ser dedicado à deusa menina/adolescente/casadoira, escolhi analisar aqui três lendas específicas, pelo que nos podem dar a conhecer de um panorama mais vasto do seu domínio e implicações. As duas primeiras são do sul de Portugal, mais propriamente de Tavira; a segunda, do interior mais a norte, da zona do rio Távora, e passa-se entre Lamego e Tabuaço.

Lenda de Séqua e Gilão, Tavira

«Em Tavira existe um rio que tem dois nomes, de um lado da ponte chama-se Rio Gilão e do outro lado da ponte chama-se Rio Séqua. Segundo a avó de uma amiga minha, que é de Tavira, existe uma lenda que explica este facto.

Essa lenda conta a história do reino do Algarve, na altura da ocupação muçulmana, em que existia um rei mouro em Tavira cuja filha se chamava Séqua. Esta lenda coincide com a altura da conquista cristã do reino do Algarve e, entre o exército militar cristão, estava um cavaleiro que se chamava Gilão. O que aconteceu foi que quando o cavaleiro Gilão conheceu a princesa Séqua apaixonaram-se… apaixonaram-se perdidamente, mas viviam um amor proibido, porque cada um pertencia a mundos culturais diferentes e, neste caso, a facções militares opostas. Então, o cavaleiro Gilão e a princesa Séqua todas as madrugadas se encontravam em cima da ponte que une as duas margens do rio de Tavira, mas houve alguém de uma das facções que descobriu… e ao descobrir este amor secreto avisou a outra facção. Numa das madrugadas, o cavaleiro Gilão e a princesa Séqua encontravam-se mais uma vez secretamente em cima da ponte quando foram surpreendidos por ambas as facções, numa das margens do rio, a facção militar cristã e, na outra margem do rio, a facção militar moura. O cavaleiro e a princesa ficaram aterrorizados ao serem descobertos, porque sabiam que iam ser acusados de traição (o que provavelmente os iria levar à morte), então suicidaram-se, a princesa Séqua atirou-se para um dos lados da ponte e o cavaleiro Gilão atirou-se para o outro lado da ponte, caindo os dois ao rio. E, segundo a lenda, é este o facto que explica que de um dos lados da ponte do rio de Tavira se chame rio Séqua e do outro lado da ponte do rio de Tavira se chame Rio Gilão».

Esta lenda foi recolhida oralmente, em 2007, para o *Lendarium* do Centro de Estudos Ataíde e Oliveira, da Universidade do Algarve e tem como data provável o século XVIII (ref.: Rio Séqua/Gilão APL 2362).

O Poço do Vaz Varela

Era no ano de 1249 e tinha começado já a conquista dos Algarves; a *hostia* (hoste) portuguesa, comandada por D. Pelaio (Paio Peres Correia) tinha-se retirado do cerco de Tavira, ocupada pelos mouros, para Cacela, por virtude de umas trevas (tréguas) de 30 dias ajustadas com eiles, então governados por *Calis Caixá Sidra Manuel Adelaide* (Kadi Bachá Sid Mohammed Abdalad?) de muito poder em encantamentos, e que tinha uma filha de dezoito anos, linda como a mais formosa *variz* (huris) do Paraíso de *Atafona* (Mafoma) e mais formosa do que as mais lindas rosas do seu jardim de sete fontes. Era ela a luz da luz dos seus olhos e a alegria da sua alma negra de *fradelho* (escaravelho?). Catarina (Fátima?) chamava-se ela.

Os mouros tinham rompido as tréguas pela morte à traição dos sete cavaleiros cristãos, que, passando o rio *cego* (Sequa), tinham ido em caçaria à cidade das *Prantas* (Antas) e o governador, prevendo um ataque decisivo, tinha preparado tudo para a fugida, já pelas galeras no rio *João* (Gilão), onde estavam acomodadas muitas riquezas, já pelo caminho por baixo do chão do castelo para a fonte da aguada de muitas bicas, hoje denominada Fonte da Praça, completamente desimpedida. Instava o governador Abdalá com sua filha a que o acompanhasse, recusava-se, porém, Fátima acompanhar seu pai pelo muito apego que tinha à terra que guardava os ossos de sua mãe e que ela todos os dias regava com as *pedras cristinas* (pérolas cristalinas) de suas lágrimas de prata; e como Sid Moamed não pudesse vencer a resistência de

sua filha e temesse que ela caísse nas mãos dos *ferros infiéis* (perros infiéis) resolveu encantá-la por mil e um anos num dos *ares* (aduares?) destes sítios.

Para este fim no dia 15 do *armazém* (Moharrem? que corresponde a 9 de Julho?), dois dias antes da conquista da cidade, quando a hoste portuguesa vinha já de caminho a castigar os mouros, pelo pino do meio-dia, dirigiu-se com ela ao poço de *Vaza amarela* (Vaz Varela) e debruçando-se para dentro disse as seguintes palavras de encantamento:

«Louvado seja somente Deus: não há força nem poder senão em Deus, o alado, o grande.

Só Deus é grande e Mohammed o seu profeta, *saibo* (sábio) e santo profeta, servo de Deus, que se resigna à vontade de Deus, e a ele confia o seu ser e mistérios, o príncipe dos crentes, filho do príncipe dos crentes, o príncipe dos crentes, filho do príncipe dos crentes (repele-se isto sele vezes) que passa por entre as ilustradas cabeças dos grandes capitães, tocando no *alto* (alvo) com *frecha* (flecha) certeira, o *Cáfila de Fezes* (Califa de Fez) o sultão de *Maniquez* (Mequinez?) o *Emílio das Barrocas* (o Emir de Marrocos?) a *majestade Sebastiana Ave de Romã* (Sid Muley el-Kassan Abd-Rahaman?) cujos dias Deus torne grandes e felizes, a Deus encomendem e encomendo a minha filha Fátima Abdalá com o seu encantamento por mil e um anos.

Que ela não se desencante sem passar os mil e um anos, salvo se alguma alma de ouro e coração de pomba se deixar engolir pelo *Aragão* (dragão) de escamas de prata, que segure nos seus dentes de marfim a tua poderosa aldraba (aljava?) e gomitada (vomitada) passados três dias, borrifada que seja com o sangue de galinha preta, o anjo Gabriel, teu espírito de miar (leu espirito familiar) a faça voltar à vida, e ele mesmo acompanhe minha filha Fátima Abdalá ao andar (aduar) de Sid Mohammed Abdalá, teu servo, ou À porta de seus filhos e parentes junto da porta Raquel-tudo (Babel-el-tuto?) da sagrada cidade de Fez...!

Que nunca à minha filha lhe faltem os *títeres* (os víveres?) o ouro, a prata e pedrarias em seu palácio encantado; que seja ela como o sol do mundo, quando espalha os seus raios, e, encantada neste poço, guarde em esteira de palmeira figos de ouro, que dará, bem como as mais riquezas, à pessoa desencantadora; e no tempo das chuvas e em dias de friezas, que nunca um sono de chumbo desacompanhe os seus olhos de veludo, debruados da mais pura seda, e mais formosos do que o luar de Moharrem; ultimamente que seja sempre *jovena* (jovem) e mais doce do que o cantar das rolas, alimentando seus filhos sem penas.

Grande Profeta!, o homem sábio *realiga*-se (regozija-se) com aquilo que vem do seu querido Alá, e, tu, santo profeta, recebe a menina dos meus olhos, a vista da minha vista, a minha querida Fátima Abdalá em tua santa guarda, entrega-a ao anjo Gabriel para conservá-la encantada por mil e um anos.

Assim te encomendo, ó meu Senhor e Amo, a minha filha.

Louvado seja somente Deus; não há força nem poder senão em Deus, o grande, o elevado.

Só Deus é grande e Moamé o seu profeta».

Então o governador fez no poço e sobre a filha sinais *cabralistas* (cabalísticos) acompanhados de palavras misteriosas, pronunciadas numa entonação musical muito triste, e lançando ao pescoço da filha o *santo sino termano* (o santo signo *samão*?) já com a Lua e estrelas no céu, a arremeçou ao poço[1111].

A água do poço abriu-se; Fátima entrou no seu seio para ocupar o seu palácio encantado, e o pai ali se conservou a chorar até às horas da meia-noite.

E ela ali se conservará por mil e um anos, se uma alma caritativa não aparecer que a queira redimir do encanto, sujeitando-se aos preceitos da lenda.

No entanto, a pobre Fátima, no palácio encantado, conserva grandes valores em ouro e jóias preciosas que oferecerá ao seu desencantador.

E ainda lá se conserva?

Embora se espalhasse há um século que a moura esperava um príncipe cristão que a desencantasse, e que este príncipe estava prestes a chegar, é certo que factos antigos e modernos exuberantemente provam que a moura ainda ali se conserva encantada.

Muitas pessoas da mais remota antiguidade até hoje têm transmitido pela tradição, sempre constante, que viram no seu tempo, encostada ao gargalo do poço, a moura encantada, umas vezes ao meio-dia em ponto, outras à meia-noite em pino. Costuma ela pedir aos que lhe passam próximo a desencantem, prometendo-lhes muitas riquezas. Algumas pessoas extremamente condoídas e impressionadas têm acompanhado a moura até ao seu palácio encantado, mas logo que avistam o dragão, fogem espavoridas, gritam à moura que as tire dali, e a moura, da melhor vontade, embora com o coração dilacerado, as tem dali tirado para fora. As que têm ocultado tal visita vivem por muito tempo, mas as que se atreveram a contar o que lá viram, têm morrido dentro de três dias.

No princípio a moura Fátima não se portava lá muito bem com as pessoas que iam ao poço ou lhe passavam próximo. A tradição encarrega-se de apontar alguns factos que chegaram ao conhecimento de toda a gente e por isso estava o poço desamparado, apesar de a sua água ser a melhor das proximidades de Tavira.

O poço do Vaz Varela fica à saída da cidade, à esquerda, na estrada que vai para Vila Real de Santo António. Está aberto junto da cerca do antigo convento dos frades do Carmo.

As maldades praticadas pela moura, partindo os cântaros das pobres mulheres, que ali iam buscar água, e arrastando as infelizes pelos cabelos ao fundo do poço, tornaram-na antipática a toda a gente. Passados muitos anos tornou o poço a ser visitado, por que então pouco se falava já da moura, ou por que os outros poços não tinham água.

Não são muito antigos os factos que vou apontar.

Um tal José Peso Duro foi ao poço buscar água e viu junto deste uma esteira de palma com figos ao sol. Tentava o Duro aproximar-se da esteira no intuito de tirar alguns figos, quando lhe apareceu a moura. Ignorava o pobre homem quem fosse aquela senhora, que, com modos desabridos, se opunha a que ele tirasse figos, e por isso ameaçou-a, mas a moura empregou tal energia e impôs-se-lhe tão pesadamente, que ele viu-se perdido e começou a gritar pedindo auxílio. Então a moura desapareceu, descendo ao poço, e ficando o pobre Duro horrivelmente impressionado.

Em outra ocasião um velho moleiro, conhecido pelo *Cativo*, por isso que em tempo fora prisioneiro dos mouros, que o levaram cativo para Marrocos, donde se escapou por milagre da Senhora dos Mártires, indo da cidade para o seu

moinho, encontrou junto do poço uma formosa mulher. Apesar dos seus trabalhos em África, o moleiro quis cortejar a mulher, tornando-se extremamente malcriado e impertinente, e dirigindo-lhe umas graças pesadas. Então a mulher pôs os dedos nos lábios e produziu dois silvos que retiniram por aquele sítio. O *Cativo*, receoso de que os silvos tivessem por intuito chamar auxílio, deitou a correr. Efectivamente em poucos momentos sentiu atrás um enorme tropel de cavalos. O moinho estava perto e ele pôde entrar e fechar-se em casa antes de ser alcançado.

Em outra ocasião o mesmo *Cativo* foi buscar água ao Poço de Vaz Varela. Já estava próximo quando viu uma mulher sentada sobre o gargalo. Pensou imediatamente que estava ali a moura. O pobre homem, que tinha as suas contas com a moura em aberto, afastou-se cautelosamente, voltou para casa e nunca mais ali foi.

Outro indivíduo, conhecido pelo José Gigante, encontrou-se certo dia com a moura, e dirigiu-lhe uma graça pesada e desenxabida. É claro que o homem não conhecia a moura; esta deu-lhe tamanha sova que o teve preso por muitos meses à cama. Depois deste acontecimento, sentia o Gigante, em certas ocasiões, sobre os costados muitas pancadas, apesar de não ver quem lhe batia. Resolveu-se, depois de muito sofrer, mudar de residência, e partir para Gibraltar, onde esteve empregado nas barcaças; pois nem aí a moura o deixou. Em certas noites apanhava a sua sova, que o fazia clamar em voz alta por auxílio. Acudia muita gente, mas ainda assim continuava a ser espancado, sem que ninguém visse quem o espancava.

Cansado e torturado voltou novamente ao seu país procurando residência em Santa Luzia, povo de pescadores, a dois quilómetros de Tavira, em uma cabana onde morreu. Pois à hora da morte afirmava o infeliz que a moura lhe dava bastonadas!

Se aos que se tornam impertinentes com senhoras, supondo-se amáveis, fosse aplicado um tal castigo, muita gente se convenceria de que era realmente malcriada.

Se os casos, até aqui narrados, criaram em redor da moura Fátima uma atmosfera impregnada de ódios e de malquerenças, outros há que, da sua parte, traduzem um coração bem formado.

Uma vez passou certa mulherzinha próximo do poço com uma criança pela mão. Junto do poço estava estendida uma esteira de figos a secar ao Sol. Muito naturalmente a criança começou a chorar porque a mãe não lhe consentiu que fosse à esteira buscar alguns figos. Então apareceu a moura e deu à criança dois figos, desaparecendo em seguida.

Ficou a criança muito satisfeita com os figos, guardando-os nos bolsos para os mostrar ao pai. Logo que chegou a casa correu a mostrar os figos a uma sua irmã. Ficaram todos admirados quando viram na mão da criança dois belos dobrões em ouro.

Foi este um caso tão falado que a moura começou então a subir no conceito geral.

Consta que em tempos passados, quando alguns cavalheiros da vila, entusiastas de caça grossa, iam à serra caçar javalis, viam-se às vezes acompanhados de formosa dama montada em valente corcel alazão. Por diversas vezes tentaram investigar de onde tal dama saía, e nunca isso lhes foi possível. Quase sempre ao aproximar-se da cidade, ela desaparecia por

encanto. No dizer dos caçadores tão encantada parecia a moura como o corcel.

Por muito tempo foi a moura Fátima perseguida nos seus créditos de mulher. A língua do povo, que nem sempre sabe poupar o crédito dos mais honrados, atribuía à moura pensamentos que ela nunca teria.

Enfim, quem pode com verdade afirmar que nunca foi atingido pelos que vivem da desonra e do descrédito...?!

Todos estes casos, que ficam narrados, são contados ainda por toda a gente, embora tenham chegado por intermédio da tradição. Vou agora referir um diálogo de há semanas, que serve de prova para demonstrar que ainda hoje a muita gente que liga toda a fé às lendas de mouras encantadas.

No dia 13 de Fevereiro próximo passado, passava um velho amigo na companhia de algumas pessoas da serra, próximo do Poço do Vaz Varela, enviou-se de averiguar do grau de intensidade dos seus companheiros em relação ao crédito sobre mouras encantadas. Entre as pessoas que acompanhavam o meu amigo estava um rapaz robusto, dos seus vinte e um anos. No momento era que o poço lhe ficava era frente disse o meu aludido amigo ao rapaz:

— Dizem que naquele poço está encantada uma infeliz moura.

— Já a vi — respondeu o rapaz.

— Há muito tempo?

— Uns seis meses, pouco mais ou menos.

— Onde a viste e a que horas?

— Vi-a encostada ao gargalo do poço pelo pino do meio-dia.

— Fazia sol?

— Se fazia...! até queimava.

— Em que mês a viste?

— No mês de S. Bartolomeu, em Agosto.

— Que roupa vestia?

— Vestia roupa branca, com um cordão de borlas de ouro À cintura. Trazia um barretinho encarnado à cabeça, e um rosário ao pescoço.

— Estava sentada ou de pé?

— Sentada no chão, de cócoras, como dizem que as mouras se costumam sentar.

— Mas tu começaste por dizer que a tinhas visto encostada ao gargalo do poço?

— Estava de cócoras com as costas arrimadas ao gargalo do poço: é a mesma cousa.

— Estava de cócoras no chão?

— Não senhor; estava com os pés sobre uma esteira de palma.

— E havia só a esteira a cobrir o chão?

— No chão só estava a esteira. Entre as costas da moura e o gargalo do poço estava uma almofada ou travesseiro.

— E na esteira não havia mais nada?

— Figos de ouro.

— Quem te disse que os figos eram de ouro?

— Pois... se quase lhes toquei com o pé!

— A moura era bonita?

— Mais branca do que a neve; os olhos pretos como azeviche... grandes e belos... como nunca vi outros assim... fiquei embasbacado.

— Não lhe disseste algumas palavras?

— Nenhumas.

— E ela a ti?

— Também nada me disse.

— Talvez te não visse...

— Eu vi-a bem e ela esteve por muito tempo a olhar para mim.

— Não sei como te não pediu que a desencantasses, ou como te não ofereceste?

— Eu, sim!

— Dizem que ela oferece muitas riquezas a quem a desencantar.

— E o... *aragão*? não é ele de temer?

— Pois o senhor Sebastião de Aragão não é muito boa pessoa?

— Não é desse que falo, é do bicho branco do tamanho de um boi e muito *farol* (feroz).

— Não ouvi contar ainda essa história...

O rapaz contou a lenda da moura Fátima conforme a deixei narrada.

— Já vês... o mais que te poderá suceder é ser engolido e vomitado pelo bicho. Voltavas à vida, embora borrifado pelo sangue da galinha preta... E depois... ficavas senhor de grandes riquezas.

— E se o bicho me não *gomitasse* (vomitasse) ou não houvesse galinhas pretas?

— Ora... morrias uma vez. Esperas escapar à lei da morte?

— Hei-de morrer quando Deus quiser, mas não serei eu que procure a morte pelas minhas próprias mãos... quanto mais tarde melhor.

— Tens pais e irmãos pobres e deixava-lhes todas as riquezas.

— Muito obrigado. Sabe que mais, para eu sofrer sofra meu pai que é mais velho. Depois da minha morte quem cá ficar que se governe.

— E o que foste fazer ao poço?

— Não fui lá de propósito, nem por vontade minha. Sempre ouvi dizer às pessoas velhas do meu sítio que não é bom passar próximo do poço. Como tinha de ir buscar uma carga de figos à Capelinha, vi-me forçado a passar por ali para não fazer grande arrodeio.

— Estavas doente quando por lá passaste?

— Não, senhor.

— E bêbedo?

— Nunca me embebedei em minha vida; pode informar-se destes senhores, que muito bem me conhecem.

E as pessoas, testemunhas deste diálogo, confirmaram a declaração do rapaz.

— Na verdade, tu acreditas em mouras encantadas?

— Essa é boa! Por que não hei-de acreditar? Minha mãe e meu pai acreditam e têm mais juízo do que eu. Há muito boa gente que acredita: no meu sítio todos crêem e são muito boas pessoas.

— Eu não acredito no que para aí tens estado a contar.

— Não acredita? Não me aflige com isso! acredito eu. Cada qual acredita no que lhe parece. Se é tolice não sou o único tolo deste mundo.

— Andavas com medo da moura e pareceu-te vê-la. Não passou de uma ilusão dos teus sentidos. Se até viste rosários ao pescoço!

— Sim, senhor: um rosário muito comprido com contas de ouro, maiores do que albricoques grandes.

— Bem digo eu: tu nesse dia não estavas bom.

— Já lhe disse que nunca me embriaguei. De mais... muita gente tem visto a moira; não sou eu o único. Consta-me que ela tem aparecido a muita gente.

— A quem?

— Não me lembro agora. Minha mãe sabe os seus nomes. Lá nos meus sítios há muita gente que conheceu os que desceram ao poço e de lá saíram, morrendo dias depois. Nos tempos antigos muita gente foi enganada pela mourinha.

— Fazes-me um favor?

— Se poder...

— Podes, sim.

— Então diga.

— Se em alguma ocasião encontrares a moura, segura-a bem e manda-me chamar.

— Segurar...! Isso nunca!

— Porquê?

— Com o toque dos seus vestidos perdia imediatamente os santos óleos que recebi no baptismo. E por quem o havia de mandar chamar?

— Gritavas, acudiam-te, e tinhas logo bons portadores.

— E o que queria vir cá fazer?

— Desencantar a moura.

— O senhor?

— Sim… eu.

— Isso é bom de dizer.

— E de fazer. É nossa obrigação salvar os nossos irmãos de quaisquer tormentos ou angústias.

— Os mouros não são nossos irmãos... não são baptizados.

— É o mesmo.

— Isso é que não, perdoe-me. Os mouros não são filhos de Deus.

— Não digas asneiras.

— Seja o que for. Por mim não estou resolvido a dar a minha alma ao Diabo. Os encantamentos não são cousa boa. Se o senhor quer sujeitar a sua alma às contingências de uma empresa tão arriscada, está no seu direito: é sua, pode dela fazer o que quiser.

E assim terminou o diálogo na presença de diversas pessoas. O mais notável é que todos estavam do lado do rapaz: todos acreditavam na existência das mouras encantadas e no mal que elas nos podem causar, roubando-nos os santos óleos.

Recolhida em finais do séc. XIX por Francisco Xavier Ataíde de Oliveira. *Ver As Mouras Encantadas do Algarve*, Lisboa, Apenas Livros, 2019.

Lenda de Ardinga ou Ardínia

Conta uma velha lenda a história de Ardinga, a moura, filha do emir de Lamego.

Vivia Ardinga no alcácer com seu pai e criados. Os dias decorriam mansos e Ardinga era feliz. Sempre que podia, especialmente quando os jograis

passavam pelo palácio, entregava-se ao seu passatempo favorito: ouvir histórias.

Foi pelos jograis que pousavam frequentemente no alcácer de Lamego que Ardinga conheceu a história do cavaleiro D. Tedo. Primeiro soube que era um cristão que com seu irmão D. Rausendo combatia ferozmente a gente da sua raça, e odiou-o por isso. Mas certo dia, pouco a pouco, uma ideia despontou ardente no seu espírito: conhecer realmente D. Tedo. E não descansou mais enquanto não arranjou solução.

Assim, um dia, Ardinga fugiu levando consigo uma velha amiga de infância. Durante três dias e três noites, correram por montes e vales, sem desfalecimento, em busca de D. Tedo. Mas a moura não o achou em lado algum, e quando se aperceberam estavam junto ao eremitério de Gelásio, o anacoreta, em São Pedro das Águias, junto ao rio Távora.

Entregaram-se aos cuidados do velho eremita. E, para consolo da sua desesperança, acharam por bem trocar a sua busca pela força do baptismo de Cristo, que pediram a Gelásio.

Porém, a Alboacém, o vizir de Lamego, chocara a partida de Ardinga. Inconformado, Alboacém partiu com a sua hoste atrás da filha fugitiva, e acabou por chegar ao eremitério de Gelásio.

Aí encontrou Ardinga e a companheira, não já as mouras que tinham deixado Lamego, antes as recém-cristãs que Gelásio acolhera. Louco de raiva, Alboacém sacou do alfange e, de um golpe, cortou a cabeça de Ardinga e atirou-a à torrente do Távora.

D. Tedo soube deste crime quando tomava banho num pego do Távora, porque encontrou o corpo de Ardinga. Pegou nela e seguiu corrente abaixo até chegar ao eremitério de Gelásio. Aí D. Tedo ajoelhou frente ao anacoreta. Entregou--lhe o corpo, ordenou a sua sepultura, fez voto eterno de celibato. Partiu para a guerra contra Alboacém, que, certo dia, o matou em batalha.

D. Rausendo, seu irmão, foi o fundador da família Távora, de cujo rio retirou o nome.

In: Frazão, Fernanda, *Lendas Portuguesas da Terra e do Mar*. Lisboa, Apenas Livros, 2004, pp. 92-3. (Fonte: COSTA, Américo – *Diccionario Chorographico de Portugal Continental e Insular. Hidrographico. Histórico. Orographico. Biographico. Archeologico. Heráldico. Etymologico*. Com prefácio do Dr. José Joaquim Nunes. 12 vols. Vila do Conde, ed. do autor, 1929/1949.

Apresentamos aqui três lendas de mouras virgens com características bem diferentes. A primeira é uma lenda que, segundo a nossa análise, foi «inventada» já no século XX, uma vez que trata apenas de uma história de amor incaracterística. A segunda é talvez o relato mais completo de uma lenda que contém informações preciosas e muitos dos mitemas que caracterizam um mito. A terceira, trata-se de um longo relato com os inúmeros mitemas que caracterizam o mito das mouras encantadas e tem o interesse específico de ser a história de um ser que é malfazejo – o que raramente acontece nestes relatos – mas, também, simultaneamente, um bom coração. E a quarta, que tem várias versões – numa delas, Gelásio casa D. Tedo com Ardinga e o vizir mata ambos – tem profundas implicações, como veremos adiante. Mas a primeira não deixa de ter um enorme interesse, ainda que por razões diversas.

Servirão estes exemplos para provar a antiguidade da crença na Moura Encantada mas, também, para explicar as diferentes épocas ou culturas que partilham.

Séqua, Gilão e o Poço da *Vasa Amarela*, em Tavira

A cidade de Tavira, à beira da Ria de Formosa, é de bastante antiguidade. Não falando dos povos que anteriormente a possam ter povoado, os Fenícios são o mais antigo povo histórico que a habitou, construindo um entreposto fortificado. Ali muito perto, os Romanos fundaram a importante cidade de Balsa e muitos outros locais. A população algarvia já era berbere e, aquando da invasão muçulmana, após o séc. VII, abraçou, genericamente, a religião dos invasores.



Mas o que nos interessa é o rio e as suas designações, em especial *Séqua*, uma vez que na mesma região há mais três rios e ribeiras com a mesma raiz: o *Guadiana*, a Ribeira da *Asseca* e o rio *Seco*. À excepção do Guadiana, os outros três nascem na região do Barrocal, na zona de S. Brás de Alportel.

Comecemos por três dados linguísticos importantes:

— O termo **mrvos*, morto ou ser sobrenatural, de acordo com os linguistas, é de origem celta.
— Os termos *an* ou *av*, que se equivalem em significado, constituem uma das mais antigas palavras da Humanidade e significam avó, mãe, tia ou, no seu conjunto, antepassada.
— O termo *sic* (ou *sec*, *sek*, *seq, seg*) também de origem celta, significa rio, ribeiro, fluxo de água.

Estes três termos são da máxima importância e revelam a grande antiguidade daquilo a que preferimos designar por *mito da moura encantada*. Na verdade são termos muito difundidos por toda a Europa, significando, assim, uma origem provavelmente paleolítica.



Imagens inseridas na frontaria de um prédio de Tavira, junto ao rio Gilão. Trata-se, segundo a tradição de Séqua e Gilão, os «heróis» da nossa lenda.

Ora o serpenteante Séqua – lembremos aqui a Séquana francesa, que originou o rio Sena – designará *rio da Avó ou da Antepassada*, rio da *avó Ana*, *da deusa Ana*, da *deusa Diana*, tal como o Guadiana.

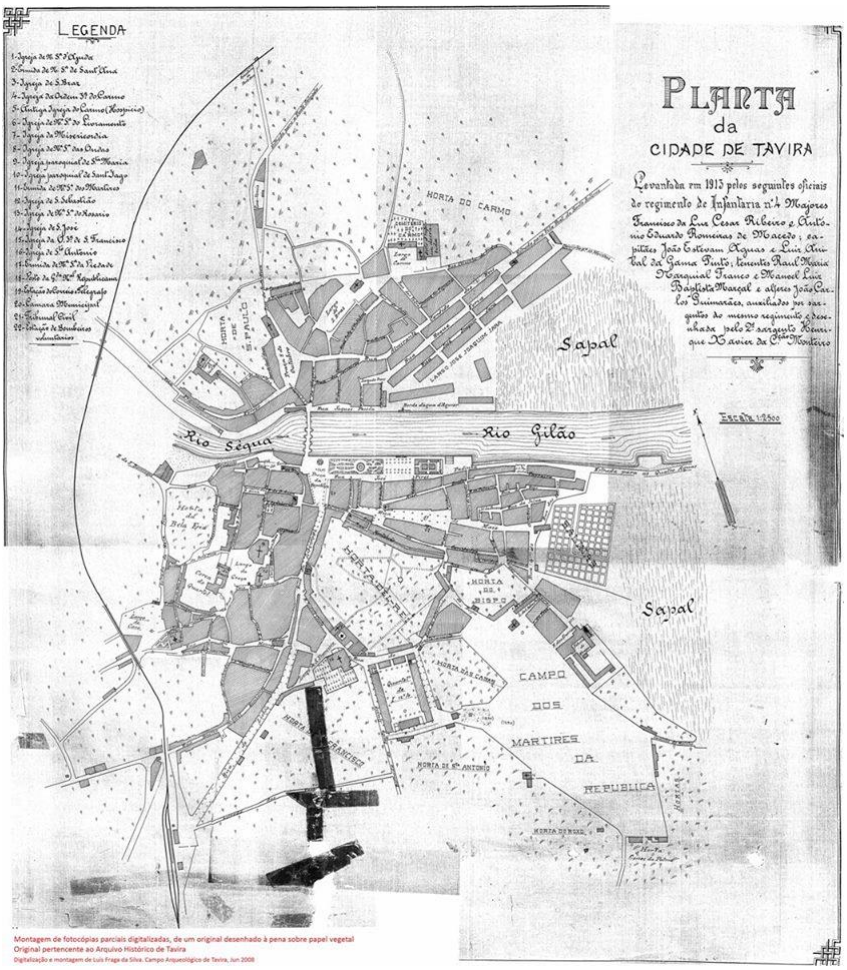
E atesta-se a antiguidade do termo *sic*, presente no rio Seco e na ribeira da Asseca – pleonasmos ou alterações da palavra Séqua surgidos, sem dúvida, devido ao esquecimento da sua primitiva significação – pelo facto de o rio Seco ser o local algarvio de maior quantidade de histórias de mouras encantadas, além disso caracterizadas por mitemas que referenciam animais como a cobra (e o sapo) pertencente a cultos mais primitivos.

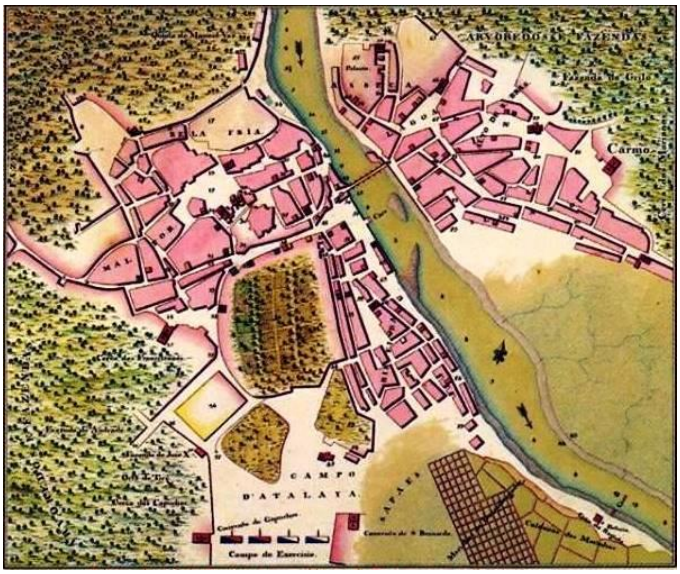
No trabalho recentemente publicado, *As Mouras Encantadas do Algarve*, colocámos ainda uma outra hipótese para a designação de moura. Dado que o nosso País não é, do ponto de vista da religião católica, um país da Virgem ou de Maria (como por vezes a Igreja quer fazer crer), mas sim da Senhora, a *Nossa Senhora*, há um termo, que também vem da cultura celta e que ainda hoje se usa, que pode dar luz à nossa hipótese: *Mor*, que significa maior, mais importante, mais alta, grande. Assim *Mor* + *an*, caindo o *n* como em Séqua, dá Mora, Moura (outras vilas do País), e teremos assim a *Grande Antepassada*, a *Grande Deusa*, afinal, e porque todas estas histórias se referem a fertilidade, a Terra-Mãe. Na verdade, cremos que os termos *Mor* + *An* e **mrvos* não se anulam, antes se completam.

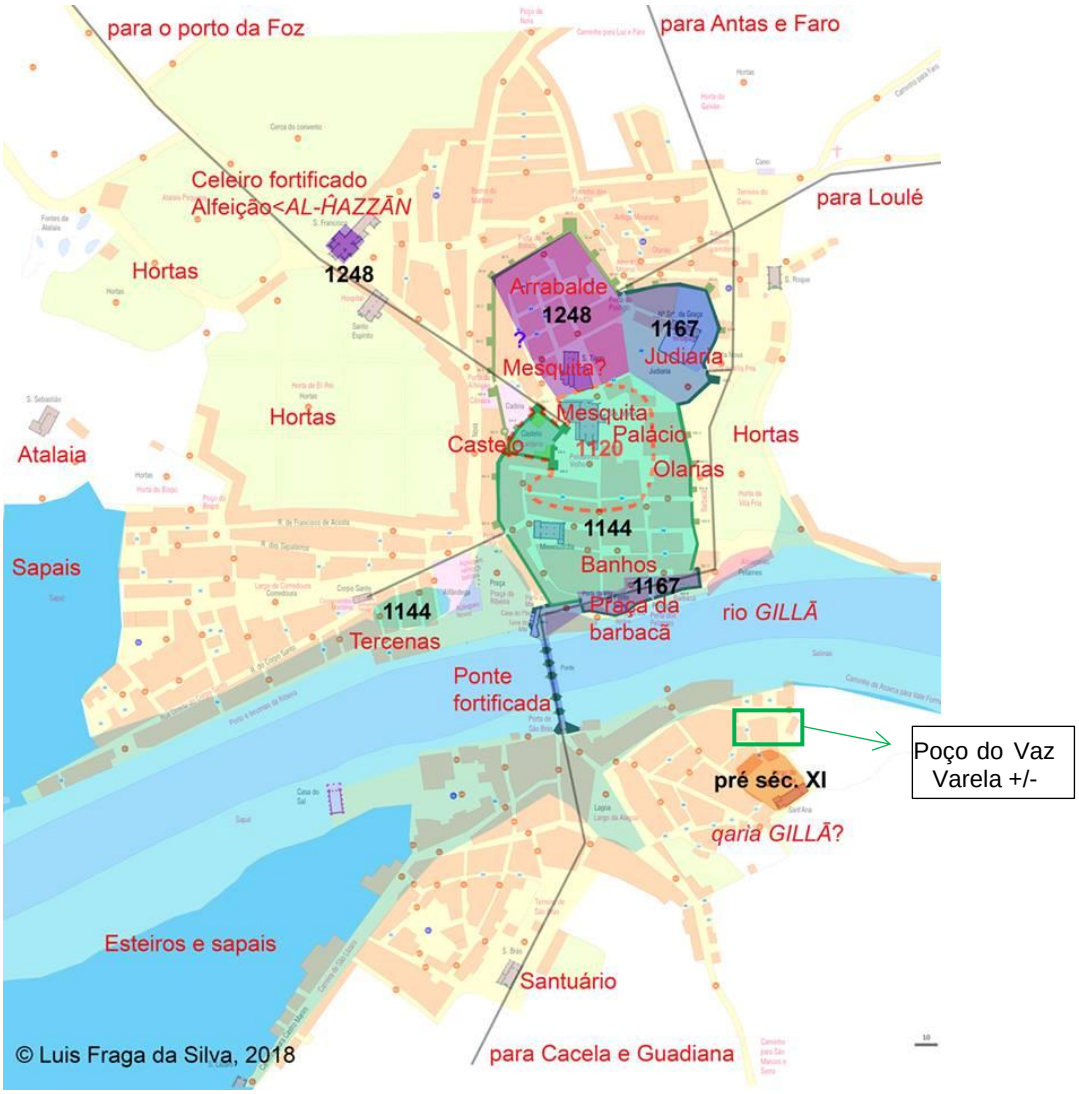
Mas, voltando à lenda de Séqua e Gilão, falta explicar o significado do «herói» masculino da historieta deste rio que muda de nome numa ponte que, erradamente, se designa romana. Não tem qualquer importância para este tema, mas é interessante explicar-se. Gilão, que na época da Reconquista surge com a grafia *Gilaon* e durante a ocupação muçulmana *Gillā* é, na verdade um termo também proveniente de línguas pré-romanas. Assim, chegámos aos termos celtas ou pré-celtas mais aproximados de *gilaon*: *gil*, que significa água; *gill*, água em pequena quantidade; e *gelaouen*, sanguessuga, parasita. Trata-se, pois, de uma zona mais baixa do rio, logo após a ponte, que faz parte já da Ria Formosa. É uma zona pantanosa, que em alguns mapas vem designada como sapal.

Mapas e plantas de Tavira




LEGENDA
PLANTA
da
CIDADE DE TAVIRA
Levantada em 1913 pelos seguintes oficiais do regimento de Infantaria nº 4 Majores Francisco da Luz Cesar Ribeiro e Antonio Eduardo Romeiras de Macedo; capitães João Estevam Aguas e Luiz Anibal da Gama Pinto; tenentes Raul Maria Marquial Franco e Manoel Luiz Baptista Marçal e alferes João Carlos Guimarães, auxiliados por sargentos do mesmo regimento e desenhada pelo 2º sargento Henrique Xavier da Cª Monteiro
Escala 1:2500
HORTA DO CARMO
Sapal
Rio Séqua
Rio Gilão
Sapal
CAMPO
DOS
MARTIRES
DA
REPUBLICA
HORTA DE S. ANTONIO
HORTA DO BISPO
HORTA DE S. FRANCISCO
Montagem de fotocópias parciais digitalizadas, de um original desenhado à pena sobre papel vegetal
Original pertencente ao Arquivo Histórico de Tavira
Digitalização e montagem de Luís Fraga da Silva. Campo Arqueológico de Tavira, Jun 2008


ARVOREDO E FAZENDAS
Fazenda do Grilo
Carmo
CAMPO
D'ATALAYA
Campo de Exercicio



Mapas antigos e reconstituições retirados de https://www.facebook.com/luis.fragadasilva e de imprompto.blogspot.com/2011/02/tavira-romana.html (visualizado em 14-5-19).



O rio Gilão, visto da margem direita, na maré baixa: dá para passar com água pelo joelho e está infestado de mosquitos.

Vem aqui propósito citar a mais importante lenda de Tavira, do nosso ponto de vista: *A moura do poço do Vaz Varela*, acima transcrita, para demonstrar a

sacralidade antiga da localidade, já estudada noutros aspectos por Luís Fraga da Silva. O poço do Vaz Varela faz parte do património assinalado em Tavira. Fica na margem esquerda do Séqua/Gilão, na zona designada *qaria, al qaria*, a aldeia (ver rectângulo verde, no mapa acima).

Ora, o contador da lenda, nos finais do século XIX, designa o nome do poço como *Vasa Amarela*.



Ainda que assinalado para informação turística, este é o inacreditável aspecto actual do Poço do Vaz Varela.

Acontece que, na língua céltica, *vas*, que tem como equivalente o vocábulo *mas*, quererá dizer habitação e/ou templo. Por seu lado, *amar* — contemplado no adjectivo *amar*ela — significava banho. Propomos, como hipótese, que o Poço do Vaz Varela tenha sido um antigo local de banhos. E, para mais, o poço foi construído, algures no tempo, na colina de Sant'Ana — designação toponímica de muitos locais sagrados — e que mais tarde viu crescer a seu lado o Convento de Nossa Senhora do Carmo, atestando-se assim uma continuidade de culto que atravessa o tempo e as religiões.

Para fechar este tema ligado ao rio Séqua, creio ser de interesse ir buscar os nossos antigos historiadores e referir alguns dados. Diz-se que, cerca de 1718 a. C., Hércules ou Oro Líbico, filho de Osíris, venceu os Geriões, anteriores senhores do sul peninsular, numa batalha junto ao Guadiana. A dinastia que deixou na região é denominada de Osíris. Entre a sua descendência governativa houve reis chamados Sic Oro, Sic Ano, Sic Celeo, si Ulo, entre vários outros.

De Si Ano diz-se que conquistou a Sicília aos Lestrigones, fundado várias cidades com os guerreiros que levara da Hispânia; e mais tarde, o seu descendente Sic Ulo, último rei da dinastia de Osíris, teve de ir pacificar de novo a Sicília, fundando novas cidades fortificadas e chegando para um canto

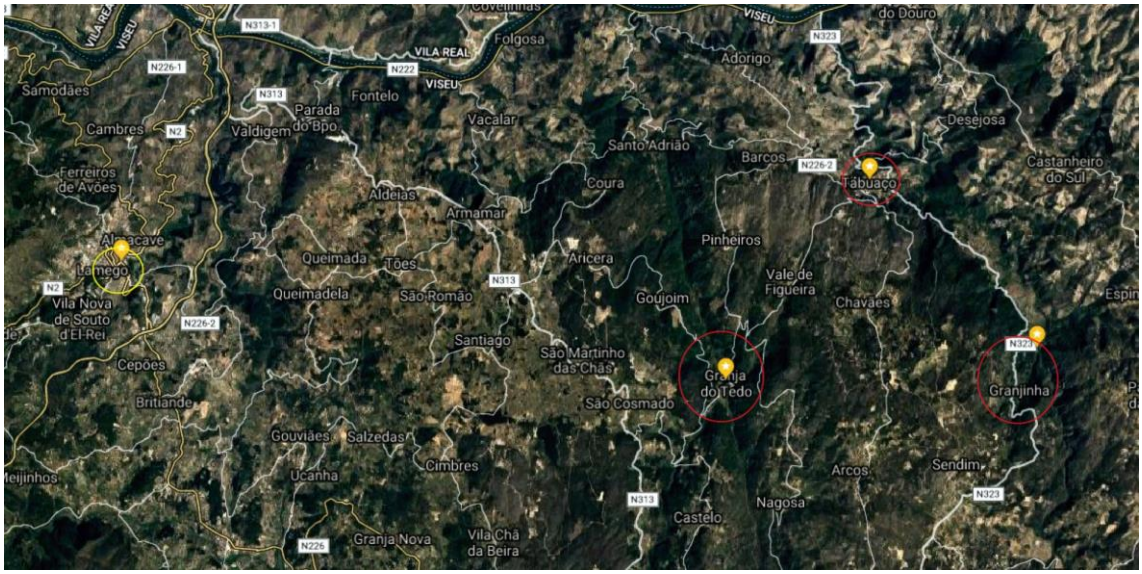
da ilha os Lestrigones. Diz-se, também, que do povo deste Sic Ulo ou Siculo, terá nascido o nome da ilha: Sicília.

Ora, os antigos escritores romanos informam que haveria na Península um povo designado Sicano. Assim, coloco aqui a hipótese de esse povo se ter situado entre o Guadiana (Uádi Ana ou Sic Ana) e o rio Seco, dada a concentração de rios com a raiz *sic* de Faro a Vila Real de Santo António e, provavelmente, estendendo-se pelo actual sul de Espanha.

O Távora, Ardinga e outras coisas mais

A lenda de Ardinga e D. Tedo remete-nos antes de mais para o tema da necessidade do conquistador se apoderar da terra, através de um «casamento» com a sua detentora. Como se sabe, na tradição celta não existe posse da terra, mas sim «guarda». A moura, aqui, significa a guardiã da terra e da água, também. Daí as inúmeras lendas de amores entre mouras e cristãos, que terminam, geralmente, com a morte da mulher, patenteando uma modificação de paradigma sócio-religioso.

A primeira ideia que nos vem à memória com os nomes Ardinga ou Ardínia é a da deusa Arduína da Floresta Negra, nas Ardenas. Esta é mais uma das designações que aparentam grande antiguidade por se espalhar por extensas áreas europeias, como já foi dito. Arduína é representada montada num javali, animal que terá também povoado as brenhas do rio Távora onde a história se passa. Não esqueçamos os inúmeros achados portugueses de porcos de pedra, que se designam varrões ou berrões.



Locais com interesse para a lenda

O conhecimento do local ajudou a tentar entender o que poderia significar a decomposição dos nomes da Senhora do local. Eventualmente, *Ard* e *Ardd* significam montanha, altura, e escarpado, pontiagudo, o que se coaduna com o

local; e *Ing*, desfiladeiro, local estreito, e força, violência. De facto, o local onde a tradição diz que Ardinga foi morta pelo pai fica num desfiladeiro de rocha escarpada, onde o rio passa num local estreito e estrepitoso, se for Inverno.

Mas *Ard* poderá ainda significar vermelho. Mais uma vez se coaduna ao espaço já que a rocha é avermelhada, quer por ser ferrosa quer pela terra que escorre do alto.

Perguntar-se-ão por que razão o local é sagrado. Impossível dizer ao certo, mas, então porque será que foi ali construída, no meio de nada, uma capela românica – presumivelmente templária, pela cruz que a encima – dedicada a S. Pedro, S. Pedro das Águias?! E por que razão o portal principal estará virado para a montanha e a escassos dois metros do paredão?! Será que Ardinga foi uma deusa das montanhas e de tudo o que elas oferecem, mesmo em situações difíceis? Árduo, em português, significa difícil, trabalhoso…



Representação da deusa *Arduinna*, da Floresta Negra, nas Ardenas.

A única resposta que encontramos é a de poder ser um «local sagrado de entrada» que o eremitério guarda, como S. Pedro guarda as portas do Céu.

Poucos quilómetros a montante deste local, sobre o rio Távora, fica o casarão que se diz ter sido morada de D. Tedo e D. Rausendo. Há aí uma capela designada Nossa Senhora do Caifão ou Calfão, protectora das florestas

Em seguida, procurámos a significação de Távora. *Tav* + *or* são novamente sinónimos e significam rio. *Or* pode ser um artigo – o rio – e, ainda, querer dizer rio grande ou rio de altitude. Assim, e de acordo com o que lemos na entrada que lhe respeita, pode ser metáfora para príncipe, génio ou natureza superior à humana.

Assim, estes serão os termos a reter:

— Os termos *Ard* ou *Ardd* significam **elevado, alto, montanha**. Mas *Ard* também pode significar **vermelho** e, até, **alimento**. *Arden*, por sua vez, significa **floresta**. Lembremos a deusa *Arduinna*, da Floresta Negra. *Ardden*, que remete para *Urdden* significa **honrado**, **sacerdote**; *Urddoles*, **sacerdotiza**. *Urdea*, significa **porco**. Por fim, *Urdduniant* ou *Arduniant*, **respeito**, **veneração**, **adoração**.

— Os termos *Ing ou Yng* significam **local estreito**, **desfiladeiro** e **dura necessidade**. *Ing* quer ainda dizer **força**, **violência**.

— Os termos *Tav* e *Or* significam **rio, ribeiro, fluxo de água**.

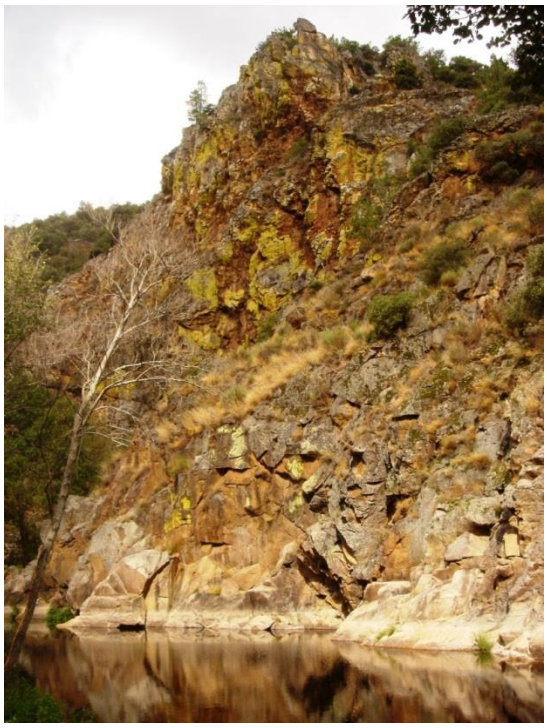


Exemplar de *berrão* ou *varrão*, o porco selvagem, à entrada da aldeia de Castelo Mendo.

Estamos pois num local sagrado em toda a sua extensão e mais propriamente no local designado Ardinga.



Pormenores da capela de S. Pedro das Águias, junto ao Távora, na Granjinha.



À esquerda: local onde, segundo a tradição, o vizir de Lamego matou Ardinga.
Em baixo: vista do ermitério de S. Pedro das Águias, a partir do Távora



Poderemos concluir que se trata aqui de uma deusa da floresta, do rio e dos alimentos, bens primários e essenciais à vida. Não será em vão que o local está rodeado de povoações chamadas Granja, Granjinha, Granja do Tedo.

Mas a história do Távora não acaba por aqui. No século XIX, houve um escândalo no Porto: uma mulher queixou-se à polícia de que recebera uma proposta de casamento de outra mulher, que a enganara por aparentar ser um homem: António/Antónia Custódia das Neves. Investigou-se. Chegou-se à conclusão de que era proveniente de um local da margem do Távora, chamado Granja do Tedo.





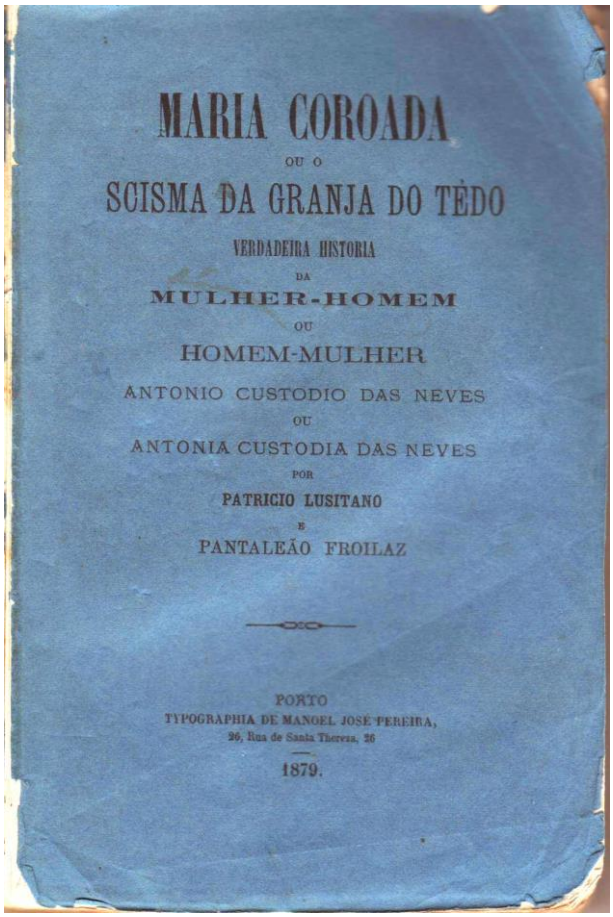
Vistas gerais da Granja do Tedo (de Baixo), local onde se desenvolveu a seita dos *Kalenderes*. As fotos abaixo perpetuam as memórias desse tempo: casa da Maria Coroada e ruas com nomes dos intervenientes.

Aí, certa família, ao longo de gerações, vira as suas mulheres vestidas masculinamente e procurando viver como tal. Da mais velha, A Maria Coroada, diziam que era bruxa e uma irmã de Antónia fez serviço militar.





As investigações concluíram que havia na localidade de Granja do Tedo uma seita, a que chamaram dos *Kalenderes*, com características femininas e libertárias, fundada pela mãe de António/Antónia. Foi deixada memória na obra *Maria Coroada ou o Cisma da Granja do Tedo* (1879). Sendo a única notícia de uma seita que, durante algum tempo, se manteve actuante, é muito curioso analisar os seus preceitos, até onde foram transcritos, o que, infelizmente, não aconteceu na totalidade.


MARIA COROADA

OU O

SCISMA DA GRANJA DO TEDO

VERDADEIRA HISTORIA

DA

MULHER-HOMEM

OU

HOMEM-MULHER

ANTONIO CUSTODIO DAS NEVES

OU

ANTONIA CUSTODIA DAS NEVES

POR

PATRICIO LUSITANO

E

PANTALEÃO FROILAZ

PORTO

TYPOGRAPHIA DE MANOEL JOSÉ PEREIRA,

26, Rua de Santa Thereza, 26

1879.

Capa da 1ª edição da obra. Actualmente, o facsimile está disponível para venda e envio, no Turismo de Tabuaço.

Actualmente, a localidade mantém vivas as memórias das duas histórias: a de Ardinga e D. Tedo e a de Maria Coroada ou a Terceira Eva, como se auto-intitulava.

Fernanda Frazão
Maio de 2019

Bibliografia

«Hidronimia Mauritana en los *Scriptore*s Grecorromanos. Mauretanian Hydronymy in Ancient Greek and Roman Authors». In, *Lıburna*, 9, Noviembre 2016, 19–72.

«Hito, Rito, Mito, Event, Rite, Myth», in *Lıburna* 11, Noviembre 2017, pp. 27-56.

«Tavira Romana. A ocupação da zona urbana de Tavira na Época Romana. Geografia histórica do povoamento, rede viária e sacralização do território». *Ver*, 2, 09-12-2006, 5-46, Associação Campo Arqueológico de Tavira.

Avieno (*Or.* 480) y el rio hiberico *sic* (sic)*, Palaeohispanica* 10 (2010), pp. 491-502

Ballester, Xaverio, «Auus-Auis o la abuela que vuela», in *continuitas.org*

Ballester, Xaverio, «Hidronimia con los 5 sentidos», in *Agua e vida*, nº 3, Valencia, 2014.

Ballester, Xaverio, «Hidronimia paleoeuropea: uma aproximación paleolítica», in *Quaderni di Semantica*, 28, 2007.

Ballester, Xaverio, *Gemelos, Ciclöpes y Chamanes, Tres Exegêsis Míticas*, Mitáforas 9, Madrid, 2018, p. 12 e p. 30.

Brito, Frei Bernardo*, Monarquia Lusitana*. I. Introdução de A. Da Silva Rego. Notas de A. A. Banha de Andrade e M. dos Santos Alves. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2004, XXX p. + 416 fl. + 8 fl. + 191 p.

Bullet, M. (org), *Mémoires sur la langue celtique*. 3 vols., Besançon, Cl. Jos. Daclin, 1753-1760.

Chevalier, Jean e Gheerbrant, Alain, *Dictionnaire des symboles. Mythes, réves, coutumes, gestes. Formes, figures, couleurs, nombres*. Paris, Seghers, 1973, vol. CHE-G, *crapaud*, pp.126-128.

Frazão, Fernanda, *Lendas Portuguesas da Terra e do Mar*. Lisboa, Apenas Livros, 2004, pp. 92-3. (Fonte: COSTA, Américo – *Diccionario Chorographico de Portugal Continental e Insular. Hidrographico. Histórico. Orographico. Biographico. Archeologico. Heráldico. Etymologico*. Com prefácio do Dr. José Joaquim Nunes. 12 vols. Vila do Conde, ed. do autor, 1929/1949.

Histórias de Portugal em Marrocos, entr. «As-Sayyida Al-Hurra, a Senhora Livre», https://historiasdeportugalemarrocos.com/2016/11/27/as-sayyida-al-hurra-a-senhora-livre/ - acedido em 18-01-2018.

http://www.lendarium.org/biblio/arquivo-do-ceao-recolhas-ineditas/.

https://www.facebook.com/luis.fragadasilva

imprompto.blogspot.com/2011/02/tavira-romana.html (visualizado em 14-5-19).

Oliveira, Francisco Xavier Ataíde de, *As Mouras Encantadas do Algarve*, Lisboa, Apenas Livros, 2019.

Salgado, Fr. Vicente, Memorias Ecclesiasticas do Reino do Algarve. Tomo I, Lisboa, Regia Officina Thypografica, 1786, p. 143 e p. 274.

Senra, Marta, Costa, Cláudia, Bettencourt, Ana M. S., Baptista, Lídia e Gomes, Sérgio, «Faunal Remains from Torre Velha 12, (Serpa, Beja, Southwest of Portugal): Relationship between Animals and Bronze Age Communities», *Heritage 2019*, 2, 216–229; doi:10.3390/heritage2010016, www.mdpi.com/journal/heritage)

Sousa, Manuel de Faria e, *Epitome de las Historias Portuguesas*. Primero e segundo tomo. divididos en quatro partes. Madrid, Francisco Martinez, 1628, 303 p.

Vasconcelos, J. Leite de, *O Pantheon*, nº 7, p. 258.

Vasconcelos, Leite de, *Religiões da Lusitânia*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1897, vol. II, pp.199--216.